

Lexicologia e fraseologia no português moderno

JOHANNES KLARE

Como se sabe compreende-se por elementos lexicais ou lexemas —na terminologia da escola de Bernard Pottier *les lexies* (em português: as lexias)— formas e estruturas linguísticas de natureza diferente; as suas características comuns consistem em que elas estão acumuladas no léxico, na parte da consciência linguística que abrange as unidades denominativas, e em que elas exercem uma função denominativa para fenómenos da realidade. Estas condições não só são cumpridas por palavras simples (lexias simples), mas também pelas palavras compostas, as lexias compostas, e pelas palavras complexas, as lexias complexas. Das últimas fazem parte os fraseologismos possuindo, como unidades denominativas, equivalência de palavras. Deste modo as lexias simples, compostas e complexas constituem lexemas de estrutura formal diferente. Enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários formativos que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí resulta para nós um critério essencial para a classificação da fraseologia no campo geral da lexicologia como subdisciplina lexicológica.

A posição da fraseologia como disciplina linguística está discutida. O problema já começa pelo termo técnico fraseologia que é pelo menos ambíguo: por um lado compreende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas, quer dizer o fraseoléxico de uma língua. Por outro lado fraseologia refere-se à subdisciplina linguística em questão, quer dizer à investigação fraseológica que tem por tarefa a pesquisa do fraseoléxico.

Em escala internacional, isto é não só para Portugal e o mundo lusófono —que foi enriquecido pelas obras de Harald Thun, *Probleme der Phraseologie* (Tübingen, 1978), e de Hans Schemann/Luiza Schemann-Dias, *Dicionário idiomático português-alemão* (Munique/Braga, 1980)—, a fraseologia no sentido de investigação fraseológica constitui uma disciplina relativamente nova. As primeiras bases foram criadas pela linguística russa na segunda metade do século XIX, sobretudo por A. A. Potebnjá, F. F. Fortunatov e A. A. Sachmatov. A investigação soviética aproveitou estas bases e começou a determinar precisamente o estado dos elementos do fraseo-léxico dentro das locuções. Assim foram incluídas sugestões essenciais dadas para a investigação fraseológica francesa pelo discípulo de Saussure Charles Bally em 1909 no seu «*Traité*

de stylistique française». Como o conseguiu mostrar Wolfgang Fleischer em 1982 na sua «Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache» publicada em Lípsia (p. 10), a contribuição básica da investigação russa e soviética como também a de Charles Bally ficavam durante muito tempo negligenciadas na Europa Ocidental e Central. Uma teoria altamente completada da fraseologia só foi criada depois de 1946 por V. V. Vinogradov, o clássico entre os fraseólogos soviéticos segundo a avaliação do investigador fraseológico germano-ocidental Harald Thun que é particularmente importante para o português. Vinogradov é seguido pelos investigadores fraseológicos reconhecidos em escala internacional I. I. Černyševa, V. N. Telija, A. V. Kunin, M. Sabitova e outros que não só se ocupam da fraseologia do russo, mas também da do francês, inglês ou alemão. A investigação soviética tende para compreender a fraseologia como disciplina linguística autónoma e para excluí-la assim da lexicologia e estabelecê-la num grau equivalente ao lado da lexicologia como disciplina linguística autónoma. Este ponto de vista parte do facto de que os fraseologismos (locações fraseológicas, fraseolexemas, etc.), contrariamente às palavras simples e compostas, dispõem também de especificidades e particularidades, restando a questão de estas especificidades serem suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da lexicologia.

Ressaltamos mais uma vez insistentemente o facto de que os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumulados no léxico (cp. também B. Hansen/K. Hansen/A. Neubert/M. Schentke, «Englische Lexikologie», Lípsia 1982, p. 12). Por isso a fraseologia continua para nós uma subdisciplina da lexicologia. Assim a investigação fraseológica tem, sobretudo, a tarefa de «die semantischen, syntaktischen und funktionalen Eigenschaften der Phraseologismen systemhaft zu beschreiben» como o sublinha Rosemarie Gläser na sua «Phraseologie der englischen Sprache» (Lípsia, 1981, p. 5). Concepções diferentes são representadas connosco por investigadores fraseológicos como K. Daniels, K. D. Pitz e J. Häusermann que analisou problemas principais da fraseologia alemã também na base de resultados soviéticos de investigação no seu livro sobre a fraseologia publicado em 1977 em Tübingen. A posição de Bally foi aproveitada para a fraseologia românica, particularmente para a do francês, por Hans-Manfred Miltz, assim em Olivier/Miltz «Französische idiomatische Wendungen» (Lípsia, 1978) e em artigos nas «Beiträge zur romanischen Philologie» (XI, 1972 e XXI, 1982). Também Pierre Guiraud aperfeiçoou as posições de Charles Bally.

Os fraseologismos ou locuções fraseológicas constituem também para o português uma riqueza linguística essencial. Para estas locuções existe tanto no português como também em outras línguas uma variedade de denominações que têm a sua origem quer no greco-latino *phrasis* quer no *idioma* baseado no grego, isto é nomes como fraseolexemas, fremas, locuções fraseológicas (colocações), locuções fraseológicas (fraseologizadas) fixas (estáveis, constantes); além disso encontramos idioma (que é preferido por Hans Schemann), idiomatismos, lexemas idiomáticos (idiomatizados) (colocações ou signos linguísticos, assim também usado por Hans Schemann). Outras denominações são: colocações fixas de palavras (locuções ou expressões idiomáticas), colocações de palavras fixadas ou fixas ou acumuladas no léxico. Harald Thun fala em 1978 em colocações de palavras fixadas que «schon ganz da sind», denomina-as também unidades fixadas. Outros investigadores denominam estes elementos lexemas compostos de várias palavras ou paralexemas (assim usado por Dieter Viehweger), lexemas compostos de grupos de palavras (assim usado por H. Wissemann nas

Indogermanische Forschungen 66, 3, 1961 e por Ulla Fix na sua tese de doutoramento de 1971 em Lipsia e em obras posteriores baseadas nesta). Já nos referimos à terminologia de Pottier, às «lexies complexes», Greimas usou também este termo técnico.

O português dispõe —como já o dissemos— de um número considerável das locuções aqui em questão. Hans Schemann estimou que existem na variante continental do português por volta de 7000 a 11000 de tais unidades fraseológicas ou idiomáticas; para a variante brasileira conta até mais, é que conta 12000 a 15000 fraseologismos. Estes elementos desempenham um papel essencial no aumento da expressividade de enunciados e textos, eles servem para a elevação da capacidade de matizar os textos falados e escritos. Não é raras vezes que o aumento da expressividade se baseia nas imagens contidas nos fraseologismos, na sua metafórica. Assim também no português existe um vasto leque de possibilidades de acção através da ajuda dos fraseologismos.

Uma questão chave da determinação dos fraseolexemas e, deste modo, da sua diferenciação de outras unidades denominativas constituem os critérios aplicados para este efeito. Rainer Eckert chama a atenção no seu artigo publicado em 1976 «Aktuelle Probleme der Phraseologieforschung» (em: Aktuelle Probleme der Phraseologie, Universidade Karl Marx de Lipsia, p. 7 e segs.) para o facto de que todas estas unidades se compõem, segundo a sua estrutura, de mais de uma palavra. Ultrapassam em vários casos os limites de colocações de palavras e eventualmente podem ter até o carácter de frases. Provérbios que igualmente são construções fixas de frases excluimos dos fraseologismos por causa do seu carácter não-denominativo.

Os critérios até já aplicados para a determinação dos fraseologismos são, sobretudo, de natureza semântica; mais raramente —como p. ex. por Ulla Fix— critérios sintácticos são postos no primeiro plano. Existem também procedimentos combinados. Os critérios e métodos semânticos são de relevância particular para as nossas próprias análises. As nossas investigações para a determinação da fraseologia da variante brasileira do português baseiam-se num corpo tirado de romances de Jorge Amado. Este ultrapassa as provas dadas por Hans Schemann e Luiza Schemann-Dias no seu manual naturalmente baseado em trabalhos preliminares. Aplicando rigorosamente critérios e métodos semânticos as nossas análises esforçaram-se por apresentar uma vista mais precisa do que a de Hans Schemann cujos critérios para a determinação das locuções idiomáticas continuam problemáticos por causa da sua transparência nem sempre suficiente. Para o português aproveitamos como ponto de partida os critérios semânticos elaborados por Erhard Agricola na sua obra «Wörter und Wendungen», publicada em Lipsia em 1974, na introdução nos problemas nas expressões idiomáticas lá contida.

A diferenciação consequente dos fraseologismos das locuções livres é particularmente complicada. No caso das locuções sintácticas livres o significado total está plenamente derivável das partes constitutivas, os elementos isolados são substituíveis e podem ser separados (cp. p. ex. *uma negra gorda, tomar café, assistir ao espetáculo, fechar as janelas*). Isto é totalmente diferente quanto às locuções fraseológicas (idiomáticas), mesmo se, neste caso, devessem ser consideradas certas zonas transitórias que constituem uma espécie de ponte entre as locuções livres e fixas, e a identificação dos fraseologismos realiza-se através de partes constitutivas fixas dentro dos grupos de palavras. Os significados dos formativos parciais não se desintegram do conjunto homogêneo do significado. Não se trata de uma combinação dos significa-

dos isolados, mas sim de uma fusão profunda dos significados, de uma reinterpretação. O significado da locução fraseológica (do paralexema) segundo Dieter Viehweger —«Probleme der semantischen Analyse», Berlim, 1977, p. 298 — não pode ser obtido total nem formalmente dos significados parciais dos elementos lexicais, «die Gesamtbedeutung ist nicht einfach und direkt ableitbar aus der Bedeutung der einzelnen Wortformative».

De acordo com os exemplos mencionados os nossos critérios são a idiomaticidade, a estabilidade e a lexicalização, quer dizer a acumulação no léxico e a reproduzibilidade assim possível do todo como complexo. Considerados isolados estes critérios são insuficientes para a determinação dos fraseologismos, normalmente devem ser cumpridos todos pela locução em questão. Na análise destaca-se um certo núcleo de fraseologismos, segundo Wolfgang Fleischer (cp. «Kleine Enzyklopädie Deutsche Sprache», Lípsia, 1983, p. 307-322, a p. 311) ele constitui o centro; neste «befinden sich diejenigen Gruppen fester Wendungen, die die Merkmale der Idiomatizität, Stabilität und Lexikalisierung (Speicherung, Usualisierung) aufweisen». Se faltarem um ou dois dos critérios, a locução fará parte da periferia.

A idiomaticidade como critério central quer dizer discordância dos significados interno e externo da locução. Assim existe uma relação irregular entre as estruturas do conteúdo e da expressão, não sendo representados os elementos irregulares através de certos componentes ou características formais, mas sim através do seu conjunto. Quer dizer a irregularidade consiste na relação entre o significado dos constituintes e o significado total da locução. A idiomaticidade existe em diferentes graus: distinguimos entre idiomaticidade parcial e idiomaticidade total. Uma idiomaticidade parcial temos p. ex. em *pedir a mão de alguém* no sentido de «pedir em casamento»; nesta locução *pedir* aparece ainda no significado externo da locução. Em comparação com isto *bater as botas* «das Zeitliche segnen» mostra uma situação de idiomaticidade total; nenhum dos constituintes desta locução está usado no significado externo da locução. Compare também a locução que encontramos no romance de Amado Farda fardão camisola de dormir (p. 54) *botar lenha na fogueira* que já não significa «Brennholz in den Ofen werfen», mas sim aparece reinterpretada no significado fraseologizado «Öl ins Feuer giessen, einen Streit, eine gefährliche Situation noch verschärfen». Enfrentamos também reinterpretações em *não ter papas na língua* «kein Blatt vor den Mund nehmen», *esticar as canelas* «ins Gras beißen», *bater o trinta e sete* (além da variante *bater o trinta e um*) «ins Gras beißen», *bater coxas* (além de: *juntar as pernas*) *com alguém* «mit jemandem schlafen», *ficar em maus lençóis* «in der Tinte sitzen», *abrir no mundo* «abhauen», *estar a nemnem* «pleite sein», *estar na chave* «hinter Schloss und Riegel sein», *bater um papo (papozinho)* «ein Schwätzchen halten» (cp. *um bate-papo* «gemütlicher Schwatz»), *capar o gato* «verschwinden, sich aus dem Staube machen», *ser unha e carne com alguém* «ein Herz und eine Seele sein», *ornar a testa a alguém* «jemandem Hörner aufsetzen», para isto também *pôr os chifres a alguém*. Estas e muitas outras provas provêm, sobretudo, dos romances de Amado Capitães de Areia e Gabriela. Também a seguinte sublinha o já referido: Uma relação regular, não reinterpretada, entre os significados dos componentes lexicais encontra-se p. ex. na frase *João é o amigo da menina*; em comparação com isto uma relação irregular, reinterpretada existe em *João é o olho da panela* que contém a locução fraseológica *ser o olho da panela* o que significa «das jüngste, verwöhnte Kind sein» (cp. Hans Schemann/Luiza Schemann-Dias, l. c., p. 503). Aqui os significados externos da locução das palavras *olho* e *panela* «Kochtopf, Kessel» não participam

como elementos no significado total do paralexema. O significado desta locução «jüngstes (verwöhntes) Kind sein» está condicionado pelo conjunto da locução *ser o olho da panela*. Aqui está na base uma metáfora expressiva, quer dizer efectuou - se o processo da metaforização. É notório que a locução *ser o olho da panela* está plenamente idiomatizada porque já não pode ser decomposta semanticamente; ela surgiu ultimamente de uma metáfora. Aqui se mostra que os fraseologismos na sua criação estão muitas vezes metaforicamente motivados. Existem também transferências metonímicas. Em comparação com isto uma locução parcialmente idiomática mostra-se também em *ser arriado em cima do jirau* «an das Bett (Pritsche) gefesselt sein» (Amado, São Jorge dos Ilheus, p. 116); aqui pelo menos um componente está usado no significado externo da locução. Isto vale também para locuções como *estar de olho em alguém* «jemanden genau im Auge behalten» e *não tirar os olhos de alguém/alguma coisa* «jemanden/etwas nicht aus dem Auge lassen».

O segundo critério refere-se à estabilidade. Normalmente não é suficiente como critério exclusivo. É que existem locuções com alta estabilidade, mas que são não-idiomáticas. Em todo o caso há restrições para a substituição dos elementos. No caso da existência de idiomatidade só é raras vezes possível substituir os componentes de um fraseologismo. Por isso é que quase sempre encaramos estabilidade léxico-semântica. A frase há pouco citada *João é o amigo da menina* (1) é substituível em relação a *amigo* e a *menina*. Quer dizer a locução livre poderia também ser *João é o chefe do grupo*. Mas a substituição dos elementos na colocação fraseologizada *João é o olho da panela* (2) p. ex. por *João é o braço da garrafa* é impossível. Na frase (1) também o verbo é substituível (p. ex. *João chama o amigo da menina*); mas o mesmo é impossível na frase (2), por ex. *João chama o olho da panela*. Quanto à morfologia também no caso de locuções altamente idiomatizadas é possível uma variação ligeira: *bater as asas/a asa* «die Kurve kratzen; das Weite suchen; sich verziehen»; *bater as botas/a bota* e *mandar alguém às favas/à fava* «jemanden zum Teufel jagen» mostram uma variação no número, outras variam nos predeterminantes como *bater no/num chinelo* «in den Schatten stellen». A variação lexical, como já referido, é mais rara, cp. p. ex. *prometer (oferecer) mundos e fundos* «das Blaue vom Himmel versprechen, goldene Berge versprechen».

Apesar da coexistência de alta estabilidade os chamados estereótipos denominativos são não-idiomáticos. São unidades denominativas como *homens e mulheres* no sentido de «alle» ou *olho negro* «blaues Auge (als Folge einer Schlägerei)». Aqui enfrentamos de facto pares de palavras não-idiomáticos. A sequência dos constituintes é fixa, é estável; estereótipos denominativos pertencem, no máximo, à periferia da fraseologia, mas não ao centro dela. Tais pares de palavras são também *grande e forte* «gross und stark», *na alegria e na tristeza* «in Freud und Leid». Deles fazem também parte os chamados componentes únicos; são palavras cujo formativo não existe fora da locução, cp. em quase todos os romances de Amado *berliques e berloques* «Hokuspokus, Firlefanz». A palavra *berliques* só aparece ainda em ligação a *berloques*, mas fora da locução já não. Com Amado encontramos também *tintim por tintim* «Punkt für Punkt, haargenau»; *andar de ceca em meca* «von Pontius zu Pilatus laufen» e *Fulano e Sicrano* «Hinz und Kunz». Também *dormir de braços* pertence evidentemente aqui.

O terceiro critério é a lexicalização e a reproduzibilidade como todo relacionada à primeira. As locuções fraseológicas (idiomáticas) já não só são usadas individualmente; elas constituem elementos do léxico, estão acumuladas no léxico. É notório que já

não são produzidas, mas sim reproduzidas como unidades denominativas fixas sendo a determinação de limites exactos entre produção e reprodução naturalmente difícil.

Os três critérios ou características mencionados possuem um valor diferente. Neste sentido o critério da idiomaticidade é central. Este critério deve estar cumprido no caso do registo de locuções em dicionários idiomáticos. Mas no Dicionário idiomático português-alemão há muitos registos que não cumprem a característica de idiomaticidade. Não há nem sequer uma idiomaticidade parcial em *apertar a mão a alguém* «jemandem die Hand geben/drücken» (p. 429) ou em *estar no poder* «an der Macht sein; am Ruder sein» (p. 624). Na p. 426 *considerar qc. da melhor maneira (que se pode)* «einer Sache so wohlwollend/positiv wie möglich gegenüberstehen» também é problemático; aqui, no caso da análise e da «adição» dos significados dos constituintes, a identificação do significado total é ainda possível sem dificuldades. Em comparação com isto a idiomaticidade total foi correctamente reconhecida em *não ter papas na língua* «kein Blatt vor den Mund nehmen» (pág. 547).

Destacámos que as locuções fraseológicas (idiomáticas) desempenham uma grande papel na emocionalização de textos e, desde modo, no aumento da expressividade ao lado da sua função denominativa central. É só no texto que se mostra em que medida o inventário fraseológico de uma língua é usado; ele constitui a base para o efeito dos significados conotativo, expressivo e estilístico de um fraseologismo. Na forma linguística dos seus romances (sobretudo nos diálogos, menos nas passagens narrativas autorais) Jorge Amado aproveitou plenamente estas possibilidades, não em último lugar também a possibilidade de marcar através dos fraseologismos a diferencial sociolinguística, quer dizer a variação social da variante brasileira moderna do português.

Não é por acaso que uma grande parte dos fraseologismos é característica para as formas externas (o registo) da linguagem corrente da língua portuguesa em Portugal e das variantes dela no Brasil e na África partindo do facto de que as diferentes variantes do português dispõem também no campo fraseológico de convergências e de divergências a analisar ainda.